



**MOSTRA DO
CONHECIMENTO**
DO COLÉGIO SÃO LUÍS

Influência dos algoritmos das redes sociais na geração digital

José Antônio Carreiras Estulano
Esp. Fernanda da Silva Franco

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar os impactos dos algoritmos de recomendação da Meta na formação da subjetividade de adolescentes, partindo da problemática de que tais sistemas, ao personalizarem o conteúdo exibido nas redes sociais, moldam percepções, emoções e comportamentos, comprometendo o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia intelectual. Metodologicamente, a pesquisa foi de caráter qualitativo e teórico-bibliográfico, sustentada em autores como Michel Foucault, Byung-Chul Han, Tarleton Gillespie, Sergio Amadeu da Silveira e Shoshana Zuboff. A partir da revisão dessas obras e da análise de documentos institucionais e depoimentos públicos, como os de Francis Haugen, buscou-se compreender como os algoritmos da Meta operam como dispositivos de subjetivação e poder simbólico na sociedade digital. Os resultados apontam que os algoritmos não apenas selecionam conteúdos, mas constroem realidades personalizadas que reforçam padrões de consumo, repetição e engajamento emocional, criando bolhas informacionais e diminuindo a exposição a perspectivas divergentes. Essa filtragem contínua contribui para a formação de uma subjetividade dependente da validação digital, marcada pela comparação, pela autoexploração e pela perda da singularidade. Conclui-se que a hipótese foi corroborada: os algoritmos atuam sim como mecanismos de modulação da subjetividade, transformando experiências humanas em dados preditivos e lucros corporativos. Diante disso, o estudo defende políticas de transparência algorítmica e de uma educação digital crítica que permita aos jovens reconhecer e resistir às formas sutis de controle e manipulação presentes nas plataformas.

INTRODUÇÃO

Na era digital, plataformas da Meta organizam o que vemos e sentimos por meio de algoritmos de recomendação, que transformam a “liberdade de escolha” em condução do desejo. Com Foucault e Byung-Chul Han, entendemos a subjetividade como produto de dispositivos de poder invisíveis. Entre adolescentes, essa influência é mais aguda: a identidade passa a ser mediada por métricas de visibilidade, engajamento e comparação constantes.

OBJETIVOS

Geral: analisar o impacto dos algoritmos da Meta na formação da subjetividade adolescente. Específicos: (1) verificar efeitos sobre pensamento crítico e autonomia; (2) descrever o funcionamento técnico-simbólico dos sistemas; (3) examinar impactos em emoções, valores e percepções; (4) propor caminhos de resistência via alfabetização midiática, transparência e regulação.

METODOLOGIA

Abordagem qualitativa, teórico-bibliográfica e analítico-interpretativa. Articulação de autores clássicos e contemporâneos (Foucault, Han, Zuboff, Gillespie, Pariser) com análise documental de depoimentos públicos e materiais institucionais (ex.: Frances Haugen). Leitura crítica à luz da filosofia do poder e da cultura digital.

RESULTADOS

Os resultados da pesquisa revelam que os algoritmos da Meta operam como dispositivos de poder simbólico e econômico, moldando emoções, percepções e desejos de forma silenciosa, porém profunda. Ao priorizarem conteúdos com maior potencial de engajamento e previsibilidade, esses sistemas produzem uma filtragem que reduz a diversidade informacional e reforça padrões de comportamento baseados em repetição, performance e comparação. O adolescente, em formação subjetiva, torna-se o principal alvo dessa lógica, sendo conduzido por estímulos de validação e reconhecimento digital. Observou-se que a experiência pessoal é convertida em dado, e o dado em mercadoria, dinâmica descrita por Zuboff como “capitalismo de vigilância”. Essa conversão cria um ciclo de retroalimentação no qual a visibilidade se torna valor e o engajamento, uma forma de controle. A autonomia, portanto, não é anulada por coerção, mas dissolvida em escolhas aparentemente livres, desenhadas pelos algoritmos. Além disso, o testemunho de Frances Haugen confirmou que o próprio conglomerado tem consciência dos danos psicológicos e sociais que seus sistemas provocam, mas opta pela maximização de lucro em detrimento da segurança e da saúde mental dos usuários. Em suma, os resultados demonstram que o poder algorítmico não apenas informa, mas forma, constituindo subjetividades, modulando afetos e naturalizando a desigualdade digital.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a hipótese central foi plenamente corroborada: os algoritmos da Meta atuam como dispositivos de subjetivação contínua, moldando condutas, percepções e identidades sob a aparência de liberdade. A pesquisa mostrou que o poder algorítmico não é neutro nem puramente técnico — ele age de forma simbólica, política e econômica, direcionando emoções e decisões segundo lógicas de mercado baseadas no engajamento e na vigilância. Assim, a experiência humana é convertida em dado e a subjetividade, em produto.

Entre adolescentes, esse processo se intensifica: a formação identitária, que deveria ser um espaço de descoberta e autonomia, é capturada por métricas de visibilidade e validação. Curtidas e seguidores tornam-se índices de valor e pertencimento, promovendo autoexploração e comparação contínuas. Isso fragiliza o pensamento crítico e substitui a reflexão por performance, o diálogo por reação e a singularidade por padronização emocional. Diante desse quadro, é urgente repensar o papel das big techs e exigir transparência algorítmica. A educação digital crítica surge como caminho de resistência, capaz de revelar os mecanismos invisíveis que moldam escolhas e afetos. Mais que denunciar, é preciso reconstruir: devolver ao usuário o controle sobre sua experiência, recuperar a pluralidade informacional e recolocar a tecnologia a serviço da liberdade e da dignidade humana.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, T.; BOCZKOWSKI, P. J.; FOOT, K. A. (org.). Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society. Cambridge, MA: MIT Press, 2014. p. 167-194.
META PLATFORMS, Inc. How Instagram Works: Recommendation Guidelines. 2021.
PARISIER, Eli. The filter bubble: what the internet is hiding from you. New York: Penguin Press, 2011.
SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Códigos invisíveis: poder algorítmico e desigualdades nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
UNITED STATES SENATE. Testimony of Frances Haugen on Facebook's Harm to Children. Washington D.C.: Committee on Commerce, Science, and Transportation, 2021. Acesso em 12 ago. 2025



**COLÉGIO
SÃO LUÍS**



**Rede Jesuíta
de Educação**